

## O PROCESSO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM ÁREAS DO ENTORNO DA CEASA-RECIFE/PE: UMA ATIVIDADE RURAL NO CENTRO DE UMA METRÓPLE

Rubio José Ferreira – UFPE  
[rb2005br@yahoo.com.br](mailto:rb2005br@yahoo.com.br)

Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho – UFPE  
[cjmc@ufpe.br](mailto:cjmc@ufpe.br)

### INTRODUÇÃO

A cidade, um espaço urbano<sup>1</sup>, é uma das formas mais complexas de representação do espaço geográfico e, portanto; é onde se concentram as maiores expressões das modificações que a sociedade pode efetuar na concretização dos seus interesses. Quer sejam prioritários para alguns grupos sociais ou da maioria, o espaço está sempre em um processo dinâmico de construção que deveria, culminar no exercício da cidadania. Não se pode entender o espaço urbano apenas como o *locus* de produção, mas como o conjunto de estruturas produzidas pela sociedade, estruturas essas que assumem a forma que lhe é dada e, portanto refletem a sociedade em toda sua maneira de produzir e viver. O exercício da construção do espaço social urbano deve garantir a todos o direito à cidade como afirma Abreu (1992).

O presente trabalho tem como objetivo identificar as causas que levam à existência de atividades ligadas à produção agrícola na cidade do Recife compreendendo os meios que permitem a existência da citada atividade e quais são as suas funcionalidades no processo de formação do espaço social e urbano da capital pernambucana.

O presente trabalho foi dividido em duas fases: na primeira, procura-se identificar os elementos e os eventos que contribuíram para a atual produção do espaço urbano do Recife, lançando mão para isso de análise de mapas e tabelas, além de leituras em bibliografia de credibilidade; na segunda fase, foi analisado o ambiente e os indivíduos que estão nele localizados através de entrevistas, fotografias e aplicação de questionários, dentre outros meios que possibilitaram o conhecimento e a análise da área em estudo.

Alguns problemas são mais expressivos em meios urbanos do que em meios rurais devido à densidade que apresentam; nas metrópoles esses conflitos inúmeras vezes estão relacionados ao uso do solo que nesse caso se torna mais competitivo e necessário. Algumas dificuldades serão enfrentadas pela população que da cidade necessita para desenvolver diversas atividades. Recife, portanto é um exemplo brasileiro de expressão de conflitos urbanos, uma vez que seu território mostra-se totalmente urbanizado.

A definição de área metropolitana, diz Vilaça (1998), surge em meio à contradição entre dois pontos de vista acerca da cidade, enquanto *estrutura física e sócio-econômica* e enquanto *ente político-administrativo*. Na teorização sobre essas categorias de ordem intra-urbana, definiu Vilaça, que a *cidade central de uma metrópole* deve ser aquela em cuja metrópole exerça função polarizadora.

---

<sup>1</sup> O espaço urbano neste trabalho será abordado, ao mesmo tempo, como espaço fragmentado e articulado formando uma estrutura sócio-espacial cujas formas desempenham, funções inerentes a um processo social contínuo e inacabado de formação que, ao longo da História sofre influência de impulsos conjunturais, levando a reconfigurações daquelas formas e funções.

Na atual fase do capitalismo e economia industrial, Santos (1985) afirma que todos os espaços são destinados à produção e consumo, quer seja espaço urbano ou espaço rural. Ademais, não podemos nos esquecer de que, sob o capitalismo, qualquer atividade pode ressurgir nos seus espaços mais dinâmicos, quando são evidentemente revalorizados pela sociedade. E isto ainda que essas atividades não sejam típicas do lugar. É o caso, por exemplo, das atividades rurais na cidade.

George (1983) diz que a produção agrícola, tradicionalmente, tem o objetivo de abastecer as coletividades humanas. Assim sendo, cada região, possivelmente possuirá suas próprias características de regime alimentar e de produção agrícola. A *produção agrícola* detém relativamente baixos coeficientes de capital, uma vez que sua produção é destinada, principalmente ao consumo local. E isto, sobretudo se não tiver apoio técnico-financeiro da sociedade.

Para a compreensão do todo, é preciso que também se conheça o particular. Milton Santos (1988) afirma que os territórios são organizados em *subespaços articulados* compondo assim, o espaço global. O caso da área do entorno da CEASA mostra a relação cidade-campo, a qual se manifesta no espaço local e regional, permitindo a realização dos fluxos que constituem o espaço geográfico como um todo. As especializações produtivas e o aumento da circulação, são para Santos, produtos da diversidade global de fluxos.

Esta diversidade de fluxos, diz Santos, traz para o espaço maiores intensificações das relações entre campo e cidade, uma vez que a cidade não deixa de ser um *lugar* que embora pareça o mesmo, assume funções diferentes a cada vez que as situações mudam:

*[...]O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam - ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem. (SANTOS, 1988, p.52)*

Assim sendo, as funções, estruturas e fluxos que dão origem às relações sociais devem ser analisadas com a intenção da compreensão da totalidade - o espaço geográfico.

As mudanças econômicas, e das técnicas de produção configuram no espaço movimentos de população - migrações - é o que afirmam Lefebvre (1978) e Santos (1988). Estes movimentos produzem migrações, concentrações, descentralizações e aglomerações que configuram as relações e diferenças entre o espaço urbano e o rural:

*Los cambios económicos y las transformaciones de las técnicas de producción van unicos a importantes movimientos de población: éxodo a las ciudades y desde las ciudades, concentración y descentralización, reagrupaciones, nuevas aglomeraciones. (LEFEBVRE, 1978, p.103).*

Baseado em Marx, Lefebvre (1978), diz que a terra produz rendas diferenciadas, conforme seu uso e condicionamentos naturais, de mercado e vias de comunicação. Além de que a produtividade depende dos investimentos de capital exercida sobre a terra.

O uso da terra, segundo Lefebvre (1978), é um dos fatores de influência da produção do espaço social, quer seja urbano ou rural. As relações de produção capitalista, e, portanto, da propriedade privada, ao mesmo tempo em que dificultam soluções para os conflitos sociais decorrentes das relações entre o urbano e o rural, propiciam também integração entre os dois meios.

A cidade, enquanto centralizadora das relações da sociedade e o Estado, diz Lefebvre (1968), é um conjunto cuja composição e funcionamento se dá a partir de relações de poderes, cultura e campo. Ao passo que as ações desenvolvidas pela sociedade, na história da cidade, produz evolução urbana à medida que a sociedade evolui no tempo e no espaço.

Em se tratando da relação entre campo e cidade Lefebvre (1968), ainda afirma que a dialética existente entre a ruralidade, o tecido urbano e a centralidade resultam em o espaço urbano interferindo diretamente nas características do espaço rural. Com isso, o uso da terra, as relações sociais e a paisagem vão sendo produzidas de forma criativa e dinâmica. De forma que *o campo se perde no seio da cidade, e a cidade, absorvendo o campo, perde-se nele.*

## **1 BREVE HISTÓRICO DA URBANIZAÇÃO NO RECIFE E DA ÁREA DE ESTUDO**

Ao longo do tempo, a cidade tem sido palco de grandes transformações quanto a sua evolução urbana. A cidade do Recife iniciou-se como uma colônia de pescadores, tomou função portuária que a manteve durante até o século XX no bairro do Recife, segundo Andrade (1979 p. 37), com a construção do porto de SUAPE, o bairro do Recife vê a transferência de parte das suas funções portuárias e para aquele porto e torna-se, sobretudo, um pólo de serviços.

Em seu processo evolutivo, Recife cresceu em extensão territorial e importância, principalmente a partir da Conquista de Pernambuco pelos holandeses no século XVII<sup>2</sup>.

Motivada pelo quadro econômico mundial no século XIX, a população rural de Pernambuco, assim como ocorre em todo o país, procura migrar para as cidades mais expressivas - as capitais dos estados -. Naquele período a população recifense cresce e a cidade chega a possuir uma pequena indústria de consumo, diz Costa (1982).

No século XX, Recife era a 3ª maior cidade em população no país, até meados da década de 1970 é o momento em que o seu crescimento urbano começa a transbordar sobre os municípios que mais tarde, comporão a sua "Região Metropolitana".

Como metrópole, a capital pernambucana apresenta segundo Andrade (1976), uma problemática um tanto variada por tratar-se de uma cidade que influencia não só uma aglomeração urbana local, mas outras cidades em Pernambuco e também em outros estados do Nordeste. Apesar de Recife influenciar uma área do país relativamente grande, os investimentos em infra-estrutura se dão principalmente nas cidades do Sudeste brasileiro e só com a criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), fundada em 1959, os problemas econômicos, e consequentemente sociais, passam a ser pensados de forma a buscar possíveis soluções para o Recife e região nordeste.

Costa (1982) atribui os contrastes econômicos existentes entre a região Centro-Sul e o Nordeste, refletidos claramente em metrópoles como Recife, a mudanças políticas e econômicas ocorridas a partir de 1930, mudanças essas que são expressas e retratadas nos sítios urbanos.

*“Essa situação reflete-se, sobretudo no urbano, e no caso do Recife, como não poderia deixar de ser, a cidade apresenta problemas dos mais complexos. Problemas expressos na própria estrutura social e econômica*

---

<sup>2</sup> Mais precisamente, entre os anos de 1630 e 1654; embora as ações urbanísticas promovidas pelos batavos, no sentido de fazer do Recife o centro de sua "colônia", tenham tido o seu grande impulso a partir de 1637 com a chegada do conde Maurício de Nassau-Sigen.

*da população e problemas que se refletem a nível espacial pelo crescimento vertiginoso e desordenado do seu sítio.” (COSTA, 1982 p. 66).*

Tais problemas são representados na estrutura do espaço urbano do Recife desde o passado até o presente. A seletividade, segundo Melo (1978), por parte dos planejadores, no que diz respeito à localização de determinados objetos urbanos, resulta na valorização de determinados pontos na cidade, em detrimento de outros. De maneira que algumas localidades tornam-se mais atrativas à urbanização do que outras.

*" [...] Depende [como se pensava naquele período] também da localização de novos estabelecimentos industriais, o que comumente confere maior dinamismo à vida local. Mas, sob o impulso desses fatores e de fatores outros, é natural que seja sempre o desenvolvimento dos aludidos nódulos periféricos ou centro secundários. " (MELO, 1978, p. 75-76).*

A configuração da mancha urbana do Recife, afirma Pontual (2001 p 24-26), se deu de forma tentacular, a partir da segunda metade do século XIX com o aparecimento das ligações (caminhos) do centro até os subúrbios. Os engenhos por sua vez, eram construídos seguindo o traçado dos rios, no caso em estudo, a várzea do rio Capibaribe tornou-se lugar de expansão, ocupação e desenvolvimento na direção Oeste da cidade, sendo a avenida Caxangá um desses tentáculos. Virgínia Pontual ainda afirma que no governo do prefeito Novais Filho, a Zona Oeste foi objeto do Plano de Urbanização e Desenvolvimento marcado pela pavimentação do “acesso Oeste” (avenida Caxangá) na década de 1940.

Com o passar do tempo as edificações preencheram os “vazios”<sup>3</sup> existentes entre os citados tentáculos dando origem a vários bairros, mudando a fisionomia da cidade e ligando fisicamente os territórios recifenses. Em 1950 a Várzea do Capibaribe representa uma área de expansão com residências de famílias de baixa, média e alta renda (QUADRO 01).

Quadro 01

**Quadro de agrupamentos dos bairros do Recife - PE\***

<b>AGRUPAMENTO</b>	<b>ESPECIFICAÇÕES</b>
Várzea, Engenho do Meio, Iputinga, Cordeiro.	Expansão/dilatação, residências unifamiliares dos segmentos de alta renda, dos segmentos médios e dos mocambos.

\* Fragmento do Quadro de agrupamentos dos bairros do Recife, PONTUAL, Virgínia. Uma Cidade e Dois Prefeitos: Narrativa do Recife das Décadas de 1930 a 1950, Ed. da UFPE, Recife 2001. P 47.

O "recorte espacial" em estudo está localizado numa área de convergência de bairros, sendo eles o Curado, a Várzea, o Engenho do Meio, San Martin, Barro, dentre algumas comunidades, a exemplo de Roda de Fogo, Vietnã e outras. Sua maior parte é integrante da RPA – 4<sup>4</sup> Oeste do Recife. Essa localidade apresenta-se como parte do Contorno Viário do Recife<sup>5</sup> onde há a interseção e

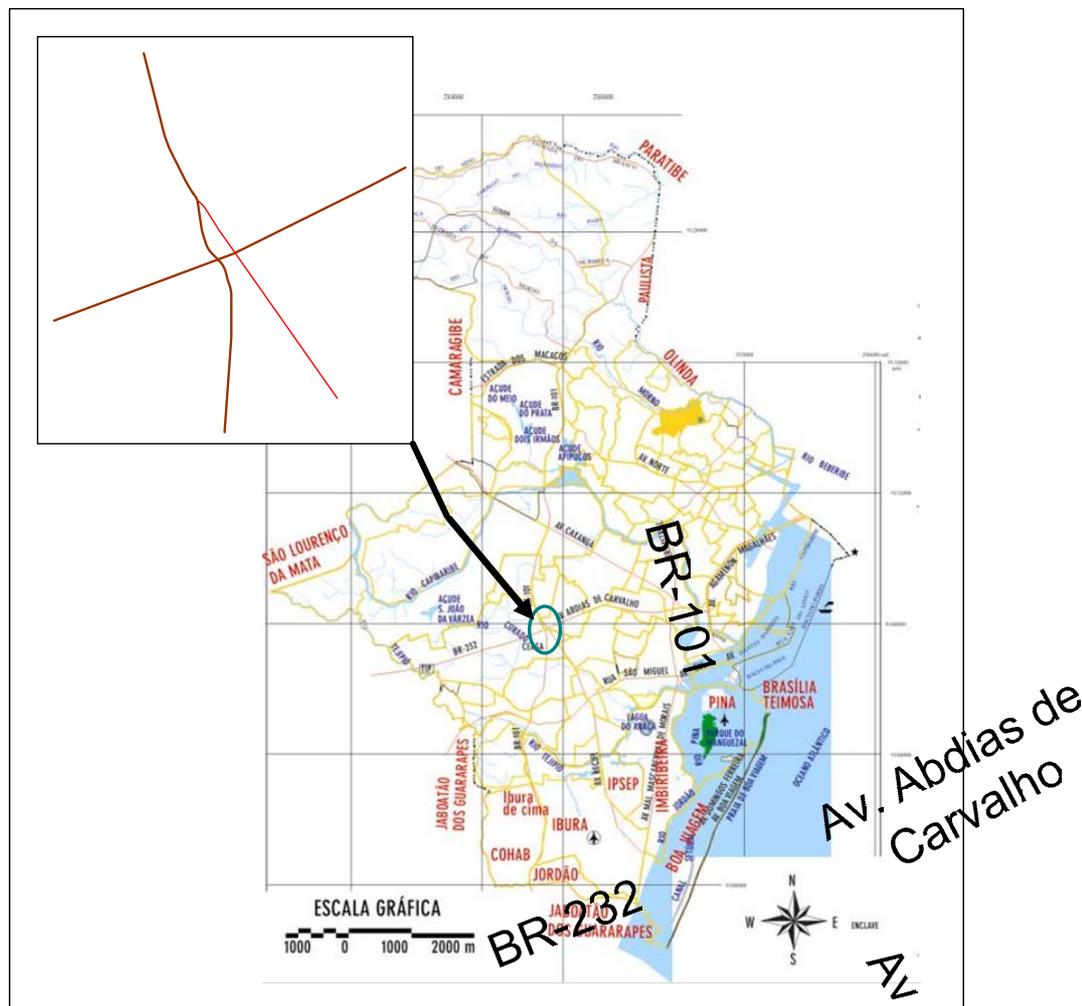
<sup>3</sup> "vazios" está sendo referido a ausência de edificações, não de espaço geográfico, uma vez, que seria impossível tal ausência no espaço intra-urbano.

<sup>4</sup> RPA - Região Político-Administrativa adotada pela prefeitura do Recife pelo decreto lei nº 16 93/97 que divide a cidade em 06 grandes partes para efeito de formulação, execução e avaliação permanente das políticas e do planejamento governamental.

<sup>5</sup> Nomenclatura utilizada por ASTEP/AS Engenheiros e Consultores, in Projeto de Engenharia a Rodovia BR 101-232/PE, trecho Contorno do Recife.

interconexão das rodovias BR – 101, BR 232 e as avenidas Recife e Abdias de Carvalho, conforme mapa 01.

Mapa 01  
Mapa da cidade do Recife



Fonte: UNIBASE/FIDEM.2000

Distante cerca de 10 Km do centro da cidade, a área, que já abrigou engenhos de açúcar, hoje possui uma configuração espacial um tanto diferente da de outrora. Ali se encontram instituições públicas tais como: UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), SUDENE, CEASA (Central de Abastecimento S.A.), Colégio Militar do Recife, 7º Comando Militar, Justiça Federal (Fórum Ministro Artur Marinho). Sindicato dos Policiais Rodoviários Federais do Estado de Pernambuco, AMUPE (Associação Municipalista de Pernambuco) e Polícia Rodoviária Federal (1ª Delegacia Regional). Segundo ASTEP/SA (1974 p 82)<sup>6</sup>, ANDRADE (1975 p 50) e PONTUAL (2001 p 52), a instalação da UFPE em 1946 influenciou na construção dos demais órgãos citados no parágrafo anterior. A construção da CEASA, no entanto, se deu nesse local da cidade, também por se tratar de uma área de confluência de rodovias. Este fator, a presença da CEASA, tornou-se atrativo para grupos de agricultores interessados em plantar, colher e negociar seus produtos, criando assim algumas especificidades que se tornaram objeto de interesse de estudo neste trabalho. Embora haja produção

<sup>6</sup> Projeto Final de Engenharia da Rodovia BR 101-232/PE, trecho Contorno do Recife, Recife 1974.

agrícola em outras áreas da cidade, este local foi escolhido por sua maior extensão de área cultivada na cidade do Recife e, portanto, a mais expressiva.

As pequenas áreas no Recife, destinadas à produção agrícola, especialmente atividades hortícolas, são denominadas por Lima (1983) de "*diminutos retalhos de espaços hortícolas*", uma vez que a Região Metropolitana do Recife é abastecida de produtos horti-fruti-granjeiros por municípios que formam um *embrião de cinturão verde*<sup>7</sup>, que compreende uma faixa de 40 a 120 quilômetros de distância da capital. Não queremos dizer com isso, que a dita faixa é a única área abastecedora da "Região Metropolitana do Recife", mas que é proveniente daquele local o maior volume destes produtos.

Se à distância entre os pontos de produção e venda de produtos, entre outros fatores, é decisivo na organização do espaço capitalista local, conforme diz Waibel (1979), cabe à população que produz produtos agrícolas no entorno da CEASA-PE, pequena parcela de benefícios, cuja forma direta de produção e comercialização lhes proporciona trabalho e renda.

Com a construção da CEASA-PE em local de livre acesso às rodovias e, portanto a melhores condições de transporte, viabilizou-se maior relação entre pessoas do meio rural e pessoas do meio urbano, e a área tornou-se atrativo, para as pessoas que, mesmo informalmente,<sup>8</sup> iriam tecer relações comerciais e produtivas com os usuários formais da CEASA-PE.

## **2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE E SÍNTESE DAS ATIVIDADES<sup>9</sup> DE AGRICULTURA NA ÁREA DO ENTORNO<sup>10</sup> DA CEASA-PE**

Ocupando uma área de aproximadamente 3km<sup>2</sup>, a área do entorno da CEASA-PE, caracteriza-se como um complexo viário cujos espaços vazios de edificações são utilizados pela população que reside nas áreas próximas, para a prática agrícola. Ali se encontram cultivados: repolho, couve, alface, macaxeira, tomate, beringela, coco, manga, acerola, quiabo, dentre outros. No local também são criados animais como cavalos, porcos, galinhas e cabras que são utilizados como força de trabalho ou fonte de renda. Essa atividade promove a abertura de aproximadamente 50 postos de trabalho gerando renda de aproximadamente R\$ 260,00 mensais em média para cada trabalhador, que ainda respeita uma hierarquização promovida pelos "donos das terras".

O processo de cultivo é feito de forma rudimentar, porém são encontrados 08 poços artesianos cujas águas são utilizadas na irrigação das plantações. A produção é comercializada, em sua maioria, diretamente com os comerciantes que trabalham na CEASA, uma vez que tais cultivos estão localizados em seu entorno. Apenas pequena parte da produção é levada para as feiras livres das comunidades locais ou são comercializadas nas margens das rodovias. Por se acharem numa localização, facilitada pela acessibilidade, estratégica quanto aos fluxos de veículos, é comum vera venda de parte da produção à proximidade das plantações.

---

<sup>7</sup> A autora diz tratar-se de uma anomalia do modelo proposto por Leo Waibel (1979), baseado na Lei de Von Thüiner, sobre a influência da distância do mercado relativamente à utilização da terra.

<sup>8</sup> A questão do entorno da CEASA é uma evidência de que o espaço urbano está sempre em constante evolução e transformação e que é a sociedade que direciona esse processo.

<sup>9</sup> Não foram encontrados dados oficiais sobre a existência de atividades agrícolas no município do Recife, portanto as informações desse capítulo foram baseadas em dados coletados em campo.

<sup>10</sup> Referência à localidade estudada, esse título foi dado pelo autor desse trabalho por não conhecer nomes oficiais que abrangesse a área em estudo.

### **3 A POPULAÇÃO LOCAL, SUAS DIFICULDADES E AS TENSÕES PROVENIENTES DO USO DA TERRA NO ENTORNO DA CEASA-PE**

A respeito do uso da terra no entorno da CEASA-PE, há uma diversificação, segundo os dados coletados em entrevistas. Embora a habitação tenha grande importância no processo de desenvolvimento social de uma comunidade, conforme FIDEPE (1992) na área em estudo há uma variação da forma de “atração” dos indivíduos ao local. Algumas pessoas ali trabalham, porém residem em bairros distantes, outros trabalham ali porque moram próximo, ou seja, enquanto foi o trabalho no local que atraiu algumas pessoas, para outras foi o oposto.

Três principais tensões foram identificadas entre os agentes envolvidos no processo de produção do espaço social intra-urbano na área, dentre os quais salientamos os seguintes:

**3.1 TENSÕES ENTRE OS PRÓPRIOS AGRICULTORES<sup>11</sup> PELA POSSE DE MAIOR ÁREA DA TERRA** – Em um país onde a distribuição fundiária ocorre de maneira a privilegiar os mais ricos, em um município que é oficialmente urbanizado em toda sua extensão territorial (QUADRO 02), a disputa pela terra torna-se um tanto cruel. No entorno da CEASA-PE, os pequenos agricultores, informais desenvolvem entre si uma valorização da terra disponível.

Quadro 02

**Quadro Sintético de População Área Territorial e Produção Agrícola de Recife - PE\***

<b>População Residente 2000</b>	1.422.905 hab.
<b>População Estimada para 2004</b>	1.486.869 hab.
<b>Área territorial</b>	218,7 Km <sup>2</sup>
<b>Área Urbana</b>	Total
<b>Área Rural</b>	00
<b>Lavoura Permanente</b>	00
<b>Lavoura Temporária</b>	00
<b>Extração Vegetal</b>	00

\* Adaptado do IBGE, Censo 2000.

As tensões geradas a partir da disputa pela posse da terra são intensificadas com a falta de infraestrutura e incentivos do Estado que, por sua vez, ainda impede a utilização de energia elétrica, dentre outros bens públicos. No local, os agricultores contam ainda com a insegurança, comum a todos os locais da cidade, porém ali intensificado pela ausência de policiamento e a proximidade de rodovias federais. Os utensílios, máquinas e produtos são inúmeras vezes furtadas durante a noite. A terra no local é dividida em lotes, não por medidas métricas, mas, pela importância que cada trabalhador exerce sobre os demais e o tempo que trabalha e vive no local. Os lotes, algumas vezes, são vendidos a pessoas vindas de outros locais causando assim, rivalidades entre eles.

**3.2 TENSÕES ENTRE OS TRABALHADORES E O ESTADO<sup>12</sup> EM SUAS TRÊS INSTÂNCIAS** - Essas tensões porque a terra utilizada para a agricultura pertence ao Estado em seus diferentes órgãos e departamentos, a citar o DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), Polícia Rodoviária Federal, CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), Ministério do Exército, dentre outros. Tais órgãos impedem

<sup>11</sup> Chamamos agricultores as pessoas que embora residam na cidade, aí exerçam atividade agrícola.

<sup>12</sup> Essas informações foram baseadas em entrevistas com os trabalhadores em campo, portanto, não foram ouvidos os representantes do Estado.

a construção de infra-estrutura, mesmo que financiada pelos próprios agricultores, o que dificulta a aquisição de implementos agrícolas, financiamentos, instalação de energia elétrica.

Não é nosso intuito com esse trabalho nos aprofundarmos em considerações acerca das leis do uso da terra, todavia, segundo a Lei Municipal nº14.511, de 17 de janeiro de 1983, que define as diretrizes para o uso e ocupação do solo, a área em estudo deverá manter-se livre de ocupações de uso habitacional ou de outras atividades urbanas. Todavia, no seu entorno o uso habitacional unifamiliar com no máximo 04 pavimentos, é tolerada.

**3.3 TENSÕES ENTRE OS AGRICULTORES E OS TRABALHADORES URBANOS<sup>13</sup> QUE BUSCAM MORADIA** - Foi constatada a presença de unidades familiares na área de agricultura, essa instalação se deu de forma “invasora” quando os proprietários das residências compraram seus lotes a antigos agricultores, ou ocuparam sem diálogo com os antigos agricultores que antes detinham a posse da terra. Até o momento não houve acordo que satisfizesse aos trabalhadores, chegando a ponto de violência física entre eles e ameaça aos transeuntes que por ventura por ali circulam.

Não é de se admirar a existência dessas tensões, uma vez que quanto menor o território e quanto maior a população que dele depender, maiores serão as tensões e os conflitos gerados por sua disputa, no quadro 03 pode-se ver o crescimento populacional das capitais do Nordeste brasileiro e notar que mesmo a população recifense não tendo crescido tanto nos últimos anos se comparada à de outras capitais nordestinas, sua densidade demográfica é bastante elevada uma vez que seu território é relativamente pequeno.

Quadro 03  
**População Residente nas Capitais Nordestinas\***

CAPITAIS	ÁREA KM2	POP. RESIDENTE. 2000	POP. ESTIMADA 2004	DENSIDADE DEMOGRÁFICA** 2000
SÃO LUIZ	831,7	870.028 hab.	959.124 hab.	1.046 hab./km <sup>2</sup>
TEREZINA	1.679,8	715.360 hab.	775.477 hab.	426.1 hab./km <sup>2</sup>
FORTALEZA	313,8	2.141.402 hab.	2.332.657 hab.	6.819.7 hab./km <sup>2</sup>
NATAL	169,9	712.317 hab.	766.081 hab.	4.190 hab./km <sup>2</sup>
JOÃO PESSOA	210,8	597.934 hab.	649.410 hab.	2.833.8 hab./km <sup>2</sup>
RECIFE	218,7	1.422.905 hab.	1.486.869 hab.	6.497.2 hab./km <sup>2</sup>
MACEIÓ	512,8	797.759 hab.	884.320 hab.	1.555 hab./km <sup>2</sup>
SALVADOR	709,5	2.443.107 hab.	2.631.831 hab.	3.441 hab./km <sup>2</sup>
ARACAJU	181,8	461.534 hab.	491.898 hab.	2.536 hab./km <sup>2</sup>

\*Adaptado de Censo 2000 IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) [www.ibge.gov.br/cidades\\_e\\_sudene](http://www.ibge.gov.br/cidades_e_sudene) (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) Região Nordeste do Brasil em números-SUDENE, R. J.1999.

\*\* Alguns dos números foram arredondados para melhor compreensão.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível com o presente trabalho, reconhecer que dentre outros processos de produção do espaço social urbano, os conflitos existentes entre várias esferas da sociedade apresentam-se de forma explícita, ou implícita sendo a “luta pela terra”<sup>14</sup> urbana uma das grandes causas do desencadeamento de tensões e até de conflitos.

<sup>13</sup> Chamamos trabalhadores urbanos aqueles que exercem funções mais comuns de centros urbanos, como manejo de lixo urbano.

<sup>14</sup> A terra referida trata-se não somente da terra no sentido rural, mas também o uso do solo urbano.

Embora os dados oficiais, em geral, desconsiderem os números, muitas vezes expressivos da informalidade, há sim, produção de espaço urbano, representado por um grupo de pessoas que buscam o funcionamento da igualdade que deveria ser comum na sociedade.

A produção agrícola destinada ao consumo local viabilizada através de pequenos trabalhadores, por meio da CEASA-PE ou do comércio informal local, foi analisada à luz de Milton Santos quando sugeriu que as desigualdades sociais diminuiriam a partir de mudanças nos modelos de crescimento vigente.

Para Santos, essas mudanças devem ser baseadas na “*modificação da atual estrutura da produção, dos investimentos e de consumo*”. (1997 p 49). Ainda que essas mudanças contrariem as tendências atuais da economia globalizada e com vistas a uma produção voltada para grupos seletos da sociedade e à exportação, a renda da terra terá uma quase paridade quando a produção for destinada às necessidades da sociedade, ou seja, à necessidade coletiva.

A coletividade então se torna indispensável para a sociedade e a produção do espaço social urbano ou rural. A presença de produção agrícola nos “espaços vazios”<sup>15</sup> do Complexo Viário do Entorno do Recife deixa bem claro que embora a cidade apresente todas as características de ser totalmente urbanizada, a sociedade, em sua pequena parcela, produz, ainda que em “ilhas” a conexão entre o urbano e o rural, construindo dessa forma o espaço geográfico com todos os seus elementos e expressos de várias formas: social, urbana e rural.

É notável, todavia, que embora haja entre o meio rural e o meio urbano intensas diferenciações quanto ao arranjo dos objetos espaciais, não é possível um meio desenvolver-se sem o outro. Sempre existirão intensas relações entre o urbano e o rural que são expressas com o adentramento do espaço um do outro. Mesmo Recife sendo a metrópole que é, no presente, não excluiu do seu território expressões do espaço rural, sendo o caso do entorno da CEASA-PE um exemplo explícito dessa afirmação.

#### BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de Almeida. Estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro). *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, ano 56, n.1/4, p. 21:122, jan./dez.1994.

ANDRADE, Manoel Correia de. *O Processo de Ocupação do Espaço Nordestino*. Recife: CONDEPE. 1976.

\_\_\_\_\_. *O Processo de Ocupação do Espaço Pernambucano*. Recife: CONDEPE. 1976

\_\_\_\_\_. *Problemática de Uma Metrópole de Região Subdesenvolvida*. Recife: UFPE 1979.

\_\_\_\_\_. *Formação Territorial e Econômica do Brasil*. Recife: FJN, Ed. Massangana. 2003.

ASTEP/S.A Engenheiros e Consultores. Relatório do Projeto de Execução da Área de Intersecção ou Interconexão das Rodovias BR 101-232 e Avenidas Recife, no bairro do Curado (Acessos ao Centro – Porto do Recife). Recife: 1974.

---

<sup>15</sup> "Espaços vazios" esse termo é utilizado por arquitetos, engenheiros, porém para a geografia inexistem espaços vazios, ou não seria espaço geográfico, na medida em que, ainda que não estejam ocupados por gente, há sempre elementos físico-naturais (solo, vegetação, água, relevo etc.) que se forem objetos constituidores do sítio urbano; sobre o qual, M. Santos, levantar-se-á o sítio social.

- CASTILHO, Cláudio Moura de. *O Espaço Econômico do Município do Recife: Produto e Condição de Uma Intensa Dinâmica Urbana*, (Relatório de Pesquisa). Recife: 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1995.
- COSTA, Eda Maranhão Pessoa da. *Expansão Urbana e Organização Espacial*. Recife: UFPE, 1982.
- FALCÃO, Joaquim de Arruda. *Justiça Social e Justiça Legal: conflitos de propriedade no Recife*. In: Conflito de Direito de Propriedade: invasões urbanas. Rio de Janeiro: FLOrense, 1984, p. 79-101.
- FIDEPE. *Indicadores Sociais de Pernambuco*, Governo de Pernambuco/Secretaria de Planejamento Recife: FIDEPE, 1982.
- IBGE. *Regiões de Influência das Cidades – Revisão Atualizada do Estudo – Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*. Rio de Janeiro: 1987.
- \_\_\_\_\_. *Regiões de Influência das Cidades – 1993*. Rio de Janeiro: 1993.
- LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Tradução de Javier Gonzáles-Pueyo, Barcelona: Peninsula, 1978.
- \_\_\_\_\_. *O Direito à Cidade*. Tradução de T. C. Neto. São Paulo: Moraes, 1968.
- EI Nº14.511, de 17 de janeiro de 1983, Lei de Uso e Ocupação do Solo- Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Planejamento e Urbanismo. Recife: Raiz, 1983.
- LIMA, Diva Medeiros de Andrade. *Abastecimento Hortícola do Recife: procedência dos produtos recebidos pela CEASA-PE TCC (mestrado)*. Recife: UFPE-CFCH 1983.
- MELO, Mário Lacerda. *Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife: UFPE, 1978.
- MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História – Suas Origens, Transformações e Perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PONTUAL, Virgínia. *Uma Cidade e Dois Prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950*. Recife: UFPE, 2001.
- SANTOS, Milton. *Por Uma Nova Geografia*. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A Urbanização Desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- VASCONCELOS, Ronald Fernando Albuquerque e BEZERRA, Onilda Gomes (org.). *Atlas Ambiental do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2000.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel FAPESP: Lincoln Institute, 1998.
- WAIBELL, Leo. *Capítulos de Geografia tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro. IBGE, 1979.
- [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)